

Coronavírus: distância social é essencial para conter epidemia no Brasil

Por Letras Ambientais
sábado, 14 de março de 2020



Nas últimas semanas, a Covid-19, doença transmitida pelo coronavírus Sars-Cov-2, trouxe situação de pânico e caos aos mercados mundiais. Os **impactos da enfermidade afetaram praticamente todas as economias globais**, interrompendo as cadeias de

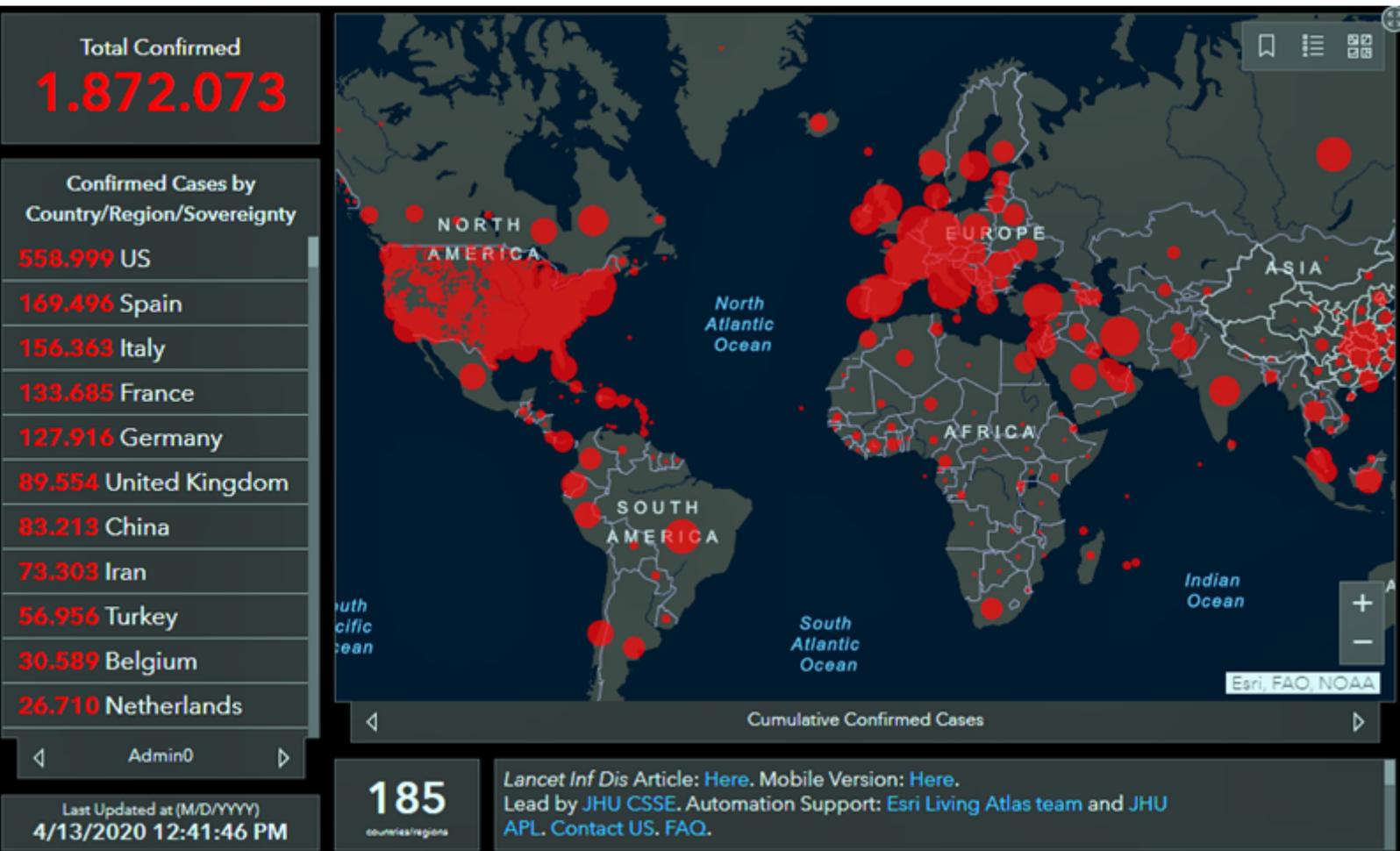
suprimentos locais.

No começo de março, a **redução na demanda por petróleo, por conta do coronavírus**, deflagrou um conflito geopolítico entre a Arábia Saudita e a Rússia, fazendo derrocarem os preços do petróleo e, junto com eles, desabarem as bolsas de valores de todo o mundo.

A hiperconectividade entre os países, decorrente da globalização, espalhou, em **velocidade alarmante, a Covid-19 para 185 países. No total, pelo menos 1,8 milhão de pessoas já foram infectadas em todo o mundo**, referindo-se apenas às confirmações oficiais. Mais de 116 mil pessoas morreram vítimas da doença, que provocou quarentenas generalizadas em cidades e países.

A escassez de testes para a população tem gerado uma enorme **subnotificação da população atingida pela doença**, na maioria dos países.

Os dados são do [mapa global da doença](#), lançado em janeiro deste ano, pela Universidade Johns Hopkins, de Baltimore, nos Estados Unidos.



Mapa global da disseminação do coronavírus, em 08 de abril de 2020. Fonte: Johns Hopkins.

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou **pandemia do novo coronavírus**, ou situação de emergência de saúde global. Uma doença infecciosa atinge esse patamar quando afeta um grande número de pessoas espalhadas pelo mundo.

No Brasil, **já são mais de 22 mil casos confirmados**, com 1.245 pessoas mortas, de acordo com dados do Ministério da Saúde, divulgados nesta quarta-feira, dia 13 de abril de 2020.

>> **Leia também:** [Conheça a principal medida de defesa contra o coronavírus](#)

A **crise sanitária, provocada pelo surto de coronavírus**, coloca em alerta governos, empresas e sociedade civil para um processo de desaceleração da economia global. A Covid-19 é um exemplo imediato de como impactos locais se propagam rapidamente pelo mundo, tornando-se problemas globais.

O **surto do novo coronavírus** está relacionado aos riscos da crise climática, um enorme desafio, que requer ações imediatas de todo o mundo, para conter os seus impactos.

Este post trata da relação entre a **crise sanitária provocada pelo novo coronavírus e os riscos relacionados ao clima**, bem como das lições que o Brasil pode tirar de outros países nas ações de resposta à disseminação da doença.

Crise sanitária global por coronavírus e mudanças climáticas: entenda a relação



O surto do novo coronavírus é o que Nassim Nicholas Taleb chamaria de “cisne negro”, um evento inesperado e raro, com impactos amplos ou extremos, que **perturba os mercados financeiros e prejudica as pessoas**. As explicações para a sua ocorrência são desenvolvidas apenas após o fato, de forma retrospectiva. Os eventos de “cisne negro” podem assumir muitas formas, desde um ataque terrorista a uma tecnologia disruptiva, uma catástrofe natural ou mesmo um desastre biológico global.

Inspirado nesse conceito, o Banco Internacional de Compensações (BIS, do inglês Bank for International Settlements), desenvolveu o conceito de “cisnes verdes”, para analisar, no Livro *“The Green Swan”*, como as mudanças climáticas podem trazer **riscos à estabilidade do sistema financeiro global**. O BIS é considerado o banco dos bancos centrais e sua missão é promover a estabilidade financeira e de preços a longo prazo, nas economias globais.

Se a atual **crise sanitária pelo novo coronavírus causa um impacto tão fulminante** na economia global e na vida das pessoas, imagine o que pode acontecer com a intensificação das mudanças climáticas.

Um processo bem mais complexo, os impactos da crise climática podem provocar inúmeros desequilíbrios na sociedade e economia mundial, inclusive com **novas epidemias e desastres biológicos globais**, além de danos humanos, materiais e financeiros.

>> **Leia também:** [Entenda em 5 pontos o novo relatório sobre mudanças climáticas](#)

Segundo os especialistas que produziram a publicação “*The Green Swan*”, a **crise provocada pelas mudanças climáticas**, ou eventos de “cisnes verdes”, são diferentes dos “cisnes negros”, por três razões explicadas a seguir:

1ª) Os impactos das mudanças climáticas são incertos, mas esperados



[Desertificação](#) no Semiárido brasileiro.

As **mudanças climáticas são consideradas eventos de “cisne verde”**, pois correspondem a ameaças que os próprios humanos criam para eles mesmos. Cada vez mais, aumenta a previsibilidade de que os riscos se tornarão inevitáveis.

Embora os impactos das mudanças climáticas sejam altamente incertos, existe um alto grau de certeza de que alguma **combinação de riscos físicos e de transição** se materializará no futuro. Ou seja, apesar da incerteza radical predominante em relação

ao momento e à natureza dos impactos das mudanças climáticas, há previsões que asseguram a necessidade de ações de mitigação ambiciosas.

Globalmente, existe uma enorme demanda por uma **agenda de investimentos sustentáveis**, que atenda a critérios ambientais, sociais e de governança.

Previsível é a probabilidade da combinação de riscos físicos (**desastres provocados pelo clima e propagação de doenças**) com riscos de transição (falências em massa de empresas que não se adaptaram aos impactos das mudanças climáticas).

2ª) As mudanças climáticas são mais graves que a maioria das crises financeiras sistêmicas



As **catástrofes climáticas são ainda mais graves** do que a maioria das crises financeiras sistêmicas. Eventos extremos relacionados ao clima podem representar uma ameaça à existência da própria espécie humana, como cada vez mais enfatizado pelos cientistas climáticos.

É por isso que as mudanças climáticas são consideradas mais graves que os **grandes choques econômicos sistêmicos**. Trata-se de um fenômeno físico, social e econômico, que envolve dinâmicas complexas e reações em cadeia.

Os **riscos de eventos de “cisne verde”**, relacionados ao clima, representam um potencial extremo de perturbar gravemente as economias, que podem estar por trás da próxima crise financeira sistêmica.

3ª) A crise climática é mais complexa do que choques de “cisne negro”



A complexidade relacionada às mudanças climáticas é de ordem superior a dos eventos de “cisne negro”: as **complexas reações em cadeia e os efeitos em cascata**, associados aos riscos físicos e de transição, podem gerar dinâmicas ambientais, geopolíticas, sociais e econômicas fundamentalmente imprevisíveis.

Há uma crescente percepção de que as mudanças climáticas são uma **fonte de instabilidade financeira e de preços**, pelos riscos físicos e de transição que acarretam.

O aumento na frequência e intensidade de eventos climáticos extremos pode desencadear perdas financeiras e irreversíveis.

Impactos desproporcionais da crise sanitária e das mudanças climáticas



Os primeiros brasileiros que testaram positivo para a Covid-19 foram pessoas de melhores condições socioeconômicas, egressas de viagens para outros países, principalmente da Europa. Mas com a transmissão local (sustentada/comunitária), **logo o vírus chega às camadas mais populares**, com menos informação, recursos e limitação de acesso aos serviços de saúde.

Caso o governo brasileiro não adote **medidas emergenciais efetivas para conter a disseminação** do novo coronavírus, o efeito sobre as populações mais vulneráveis pode ser devastador.

Os **impactos das mudanças climáticas são desproporcionais** entre e dentro dos países, afetando mais gravemente as populações vulneráveis. Os riscos e os custos de adaptação recaem desproporcionalmente aos países pobres. Sem uma indicação clara de como os custos e os benefícios das estratégias de mitigação das mudanças climáticas

serão distribuídos de maneira justa, as reações sociopolíticas e a insegurança tendem a aumentar.

Essas mesmas pessoas vulneráveis correm maior risco se vírus letais, como o que provoca a Covid-19, chegarem às suas comunidades. Os governos dos **países pobres estão menos preparados para conter o surto da doença.**

No Brasil, caso não sejam adotadas **medidas mais radicais para conter a disseminação do vírus** e preservar a vida das pessoas, um pico de contaminação irá sobrecarregar o já deficitário Sistema Único de Saúde (SUS), provocando um maior caos na saúde pública.

Que lições o Brasil deverá seguir na luta contra o coronavírus?



Na China, o presidente Xi Jinping adotou medidas radicais para **conter o surto do novo coronavírus**. Um exemplo foi a província de Wuhan, local de origem e epicentro da doença, onde a população foi colocada em total isolamento, desde 23 de janeiro. Não apenas essas pessoas foram sacrificadas pela situação de quarentena, como

também o foram as ambiciosas metas de crescimento econômico da China, visando preservar a saúde e o bem-estar da população.

Para se ter uma ideia, após o feriado do ano novo chinês, os impactos do coronavírus fez com que as **emissões de CO2 na atmosfera fossem reduzidas em 25%**, na China. A produção industrial e a demanda por energia ficaram muito abaixo dos níveis usuais, em comparação com o mesmo período de duas semanas, após o feriado do ano novo chinês, em 2019.

Somente no dia 11 de março de 2020, o governo chinês anunciou que empresas relacionadas à economia nacional e à cadeia industrial global estavam liberadas para voltar ao trabalho. **A epidemia foi controlada** naquele país e a quarentena foi parcialmente desfeita.

O slogan da campanha do governo chinês é **“Corrida contra o tempo, combate ao vírus”**. De fato, na China, o tempo não foi favorável às medidas de emergência. Mesmo assim, o governo deu exemplo para o mundo inteiro sobre como adotar medidas radicais para proteger a população de uma infecção grave e ainda pouco conhecida, como a do novo coronavírus.

A Coreia do Sul foi um dos países onde também houve uma **explosão inicial de casos de infecções por coronavírus**. Porém, a intervenção radical do governo conseguiu conter o acelerado processo de contágio e a epidemia está controlada. Países como Taiwan e Singapura também agiram de forma exemplar para conter a epidemia de coronavírus.

Os métodos empregados na Coreia do Sul, Taiwan e Singapura consistiram em **diagnóstico precoce e rastreamento dos contagiados**, além do mapeamento dos contatos dos infectados. As autoridades de saúde da Coreia do Sul instalaram postos de saúde ao longo das vias públicas, para que as pessoas fizessem o teste, em estilo *drive-thru*, sem precisarem nem mesmo sair do carro. Os resultados do exame eram recebidos pelo celular.

A tecnologia da informação foi amplamente utilizada, nos três países asiáticos, para beneficiar os cidadãos. No caso da Coreia do Sul, **foram desenvolvidos aplicativos de celular para rastrear as áreas onde se encontravam os infectados** e os lugares por onde haviam passado. A solução permitiu certa vigilância ao comportamento das pessoas contaminadas e orientava os demais cidadãos a se protegerem do vírus.

O Brasil não possui infraestrutura de saúde e recursos com capacidade para seguir tal modelo. Mas pode conter a proliferação do coronavírus informando melhor a população e indicando **medidas de distanciamento social**.

Pode-se dizer que a origem da **Covid-19, na China, assumiu características de um evento de “cisne negro”** para aquele país, por ter sido inesperado, com alto impacto sobre a população e a economia.

Todavia, no caso dos demais países, como o Irã, a Itália, os Estados Unidos, o Brasil, entre outros, a chegada da doença já era previsível, por ser natural haver essa **rápida propagação, em uma economia altamente globalizada**. Assim, o coronavírus se tornou um evento de “cisne verde” para outros países fora do epicentro da doença e as medidas de contenção poderiam ser previstas.

Na contramão da corrida contra o tempo na China e na Coreia do Sul, houve, na Europa, demora para se tomar **medidas de resposta mais radicais para conter o vírus**. Na Itália, as ações de contingência contra o coronavírus foram tardias, provocando um enorme estrago e um cenário humano desolador.

Ali, já são mais de **156 mil casos confirmados de cidadãos infectados pelo novo coronavírus**, e mais de 19 mil pessoas mortas, após contraírem a Covid-19. O exemplo da Itália mostra que paga-se um preço muito alto, com danos humanos imensuráveis, caso não se adotem medidas drásticas para conter a propagação do coronavírus.

Os Estados Unidos são o **novo epicentro da pandemia**, com cerca de 559 mil casos confirmados, tendo superado a marca de 22 mil mortes pela Covid-19.

Na Venezuela, onde o **coronavírus já adentrou as fronteiras nacionais**, o governo resolveu fechar na sexta-feira, dia 13 de março, escolas e universidades, de forma preventiva. No mesmo dia, o país começou uma quarentena nacional para evitar que a população seja contaminada. No momento de crise global, a Venezuela tomou medidas drásticas para evitar que o novo coronavírus afetasse o país. Nesta segunda-feira, dia 13 de abril, já foram confirmados 181 casos de contaminação na Venezuela.

Rastro da doença pelo mundo mostra importância de medidas restritivas



A vida a um metro de distância, na luta contra o coronavírus. Foto: Angelo Carconiepa.

A atual crise sanitária, provocada pelo surto do novo coronavírus, não trará apenas pânico a uma **população vulnerável, exposta ao perigo do transporte público** lotado todos os dias. Os impactos econômicos já são avassaladores. O emprego está ameaçado pelo coronavírus, empresas podem ir à falência, diante do aprofundamento da crise. A vida das pessoas mais vulneráveis está em risco. Elas não dispõem dos recursos necessários para sua saúde, defesa e segurança, caso sejam contaminadas.

É claro que a **Covid-19 afeta todas as categorias sociais**. Porém, se a doença chegar com mais força às camadas mais populares, essas pessoas serão as mais afetadas por um surto de coronavírus.

O vírus chegou ao Brasil no dia 25 de fevereiro. Diante da proliferação de pessoas contaminadas pelo vírus, a **estratégia mais eficaz será o País generalizar medidas mais firmes**, tais como: proibir ou limitar aglomerações e movimentações de pessoas; cancelar eventos públicos, campeonatos esportivos e espetáculos culturais; suspender aulas em escolas e universidades; orientar a população sobre medidas de higiene e de

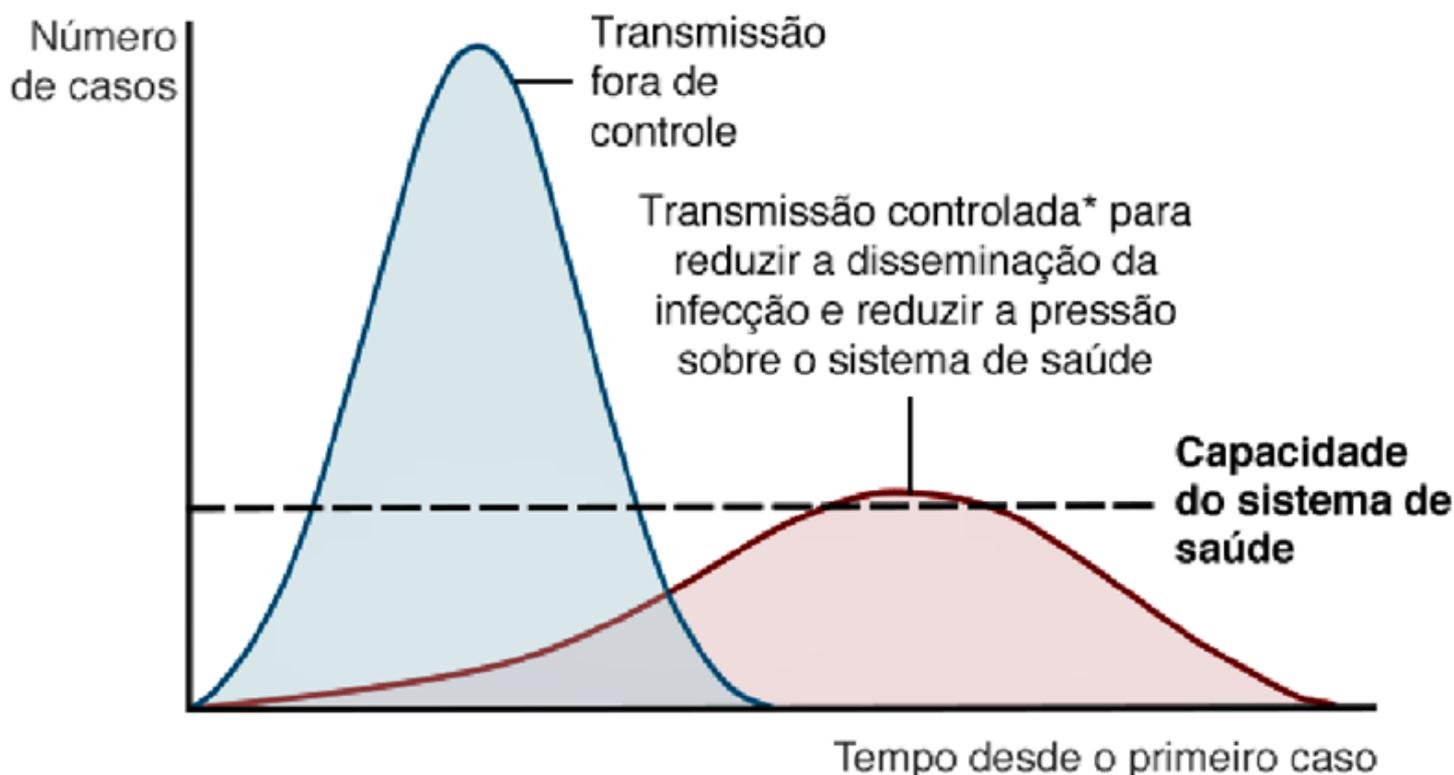
distância social; fechar as fronteiras terrestres com outros países.

O Ministério da Saúde reconheceu na sexta-feira, dia 13 de março, que **já há transmissão comunitária do vírus** em São Paulo e no Rio de Janeiro. Tratam-se dos casos em que não é possível identificar a trajetória de infecção do vírus. Os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília já impuseram medidas restritivas para conter a proliferação do vírus, como recomendação de afastamento social e suspensão de aulas.

Com essas medidas, é possível contribuir para **suavizar a altura da curva de transmissão do coronavírus no Brasil**, fundamental para reduzir a pressão sobre o sistema público de saúde. “Achatar a curva” significa desacelerar a disseminação do vírus para que o número de casos se espalhe ao longo do tempo, ao invés de haver picos no início.

O gráfico a seguir mostra a orientação dos especialistas em saúde quanto à melhor forma de contenção dos casos de coronavírus. Observe que há uma **"curva acentuada"**, causada por um pico acelerado de infecções, em oposição a uma "curva achatada", com casos mais distribuídos ao longo do tempo.

Como se achata a curva da epidemia?



Fonte: Universidade de Washington. Ilustração: BBC.

A diferença dos países que conseguiram amenizar a altura da curva (**pico de infecções por coronavírus**) se deveu a medidas drásticas dos governos. Por isso, especialistas recomendam analisar o histórico da doença e observar o resultado das medidas eficazes de outros países.

Caso não sejam tomadas **medidas drásticas para reduzir a transmissão do vírus**, um pico de casos confirmados pode provocar caos nos sistemas de atendimento em saúde, além do desespero da população afetada.

No Brasil, enquanto cresce o número de pessoas contaminadas pela Covid-19, é importante mostrar uma preocupação maior com a **proteção à vida da população** do que com os impactos sobre a economia de possíveis medidas restritivas para conter a doença. Mudar o comportamento e conter a contaminação pelo novo coronavírus é o primeiro passo para o crescimento sustentado da economia.

Conclusão

As medidas de resposta ao surto de coronavírus, em países como a China, certamente salvaram muitas vidas, embora tenham paralisado temporariamente a sua pujante economia. É o caso também da **Coreia do Sul**, um dos países onde houve transmissão mais acelerada, depois da China. A própria Venezuela foi bastante agressiva ao declarar medidas restritivas para que o coronavírus não impacte o país.

No Brasil, alguns estados já adotam medidas mais radicais para **promover o distanciamento social** e evitar a transmissão acelerada do coronavírus. Acredita-se que essa é a tendência, recomendada por especialistas, parar atividades no País para controlar a epidemia. É uma forma de evitar o caos e a sobrecarga no sistema de saúde, que um pico de contaminações poderá provocar.

Espera-se que o Brasil utilize **exemplos bem-sucedidos do combate à doença pelo mundo**, com medidas restritivas, o mais cedo possível, para salvar a vida de muitos brasileiros.

Os impactos globais do coronavírus chamam atenção também para a necessidade de **medidas de mitigação contra as mudanças climáticas**. As consequências de uma crise relacionada ao clima seriam mais drásticas do que a atual situação com a Covid-19.

Você acha que a resposta do Brasil ao novo coronavírus está sendo bem conduzida? Na sua opinião, que medidas devem ser adotadas? Você concorda com uma maior restrição para conter a contaminação?

**Atualizado em: 13.04.2020, às 14h02.*

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LETRAS AMBIENTAIS. [Título do artigo]. ISSN 2674-760X. Acessado em: [Data do acesso].
Disponível em: [Link do artigo].

Instituto



Quem somos

O Letras Ambientais é uma instituição privada, sem fins lucrativos. Seu objetivo é a defesa, preservação e conservação do meio ambiente.

Endereço para correspondência: Av. José Sampaio Luz, 1046, Sala 101 – Ponta Verde. Maceió (AL). CEP: 57035-260.

Fone: (82) 3023-3660 **E-mail:** contato@letrasambientais.org.br

ISSN: 2674-760X



